



grupoahora.net.br

A HORA

ANÁLISE, CURADORIA E OPINIÃO DE VALOR

FAÇA SUA
ASSINATURA

☎ 51 3710.4200

📞 51 99253.5508

Fim de semana, 3 e 4 agosto 2024 | Ano 22 - Nº 3623 | R\$ 5,00 (dia útil) R\$ 9,00 (fim de semana)

Símbolo de resistência preserva tradições



OPINIÃO
RODRIGO MARTINI

**Maior tragédia climática
do RS deixou incertezas
para o setor logístico**



OPINIÃO
FABIANO CONTE

**Passados três meses e
famílias ainda vivem em
abrigos à espera de um lar**

BAIRRO CARNEIROS

**Área histórica de
Lajeado em xeque
após inundações**

Devastada pela enchente, região mais antiga do Carneiros vive futuro incerto. Mesmo com dificuldades de acesso e falta de energia elétrica, moradores que não tiveram casas destruídas tentam recomeço. Governo e MP avaliam formas de regar ocupação.

CADERNO | **NESTA EDIÇÃO**

PESQUISA RUMO

**Quase 56% das
empresas buscam
parcerias para
treinamentos**

Estudo sobre ambiente do mercado regional detalha estratégias para qualificação das equipes. Entre os trabalhadores, mais de 90% considera cursos importante ou muito importante. Publicação mostra aproximação entre empresas e instituições de ensino.

PÁGINAS | **6 e 7**



CASA DO PEIXE |

Construída em 1907, a estrutura leva o nome do restaurante há sete décadas. Atingida por quatro enchentes nos últimos anos, prédio resiste e reabertura está marcada para setembro

PÁGINAS | 12 e 13

**Seja um
associado.**

Abra sua conta
pelo site ou
procure a agência
mais próxima.



Um novo olhar sobre os bairros



PÁGINAS 6 E 7

ÁREA HISTÓRICA EM XEQUE

Devastada pela enchente do Rio Taquari em maio, região mais antiga do bairro Carneiros vive futuro incerto. Mesmo com dificuldades de acesso e falta de energia elétrica, moradores que não tiveram casas destruídas tentam recomeço. Governo e MP avaliam formas de regradar ocupação das áreas afetadas.

A VOZ DO BAIRRO



As terras eram do meu avô, Lindolfo Labres. Metade da várzea era dele e a outra era dos Ruschel"

JOSÉ GABRIEL LABRES, MORADOR DO BAIRRO CARNEIROS

HISTÓRIA DE LAJEADO COMEÇA PELO CARNEIROS

Ainda hoje, é no bairro que está o monumento de fundação da chamada Colônia de Conventos, em 1855. Naquele ano, a primeira construção que se tem registro na cidade foi erguida em Carneiros. Já o Alto do Parque recebeu destaque em 1966, com a realização da Fenal, feira que deu origem ao Parque do Imigrante e à Expovale.

PÁGINA 3

ALTO DO PARQUE

BAIRRO MUDA DINÂMICA

Novo hotel, expansão de escola, empreendimentos gastronômicos e centro comercial. Revisão do Plano Diretor possibilita descentralização do Alto do Parque, que deixa de ser um bairro apenas residencial. Planos para parques acompanham desenvolvimento da região e exigem soluções em mobilidade e infraestrutura urbana.

MATEUS SOUZA



PÁGINAS 4 E 5

Desafios para o futuro (e o presente)

Não apenas pela vizinhança, mas Alto do Parque e Carneiros guardam aspectos em comum. São bairros com casas de alto padrão e possuem uma relação muito próxima com a Univates. Ou seja, estão em uma região da cidade com expansão diretamente relacionada a consolidação do ensino superior na cidade.

Mas a proximidade para por aí. Enquanto o Alto do Parque está situado em uma das regiões mais altas de Lajeado, Carneiros possui parte de sua extensão margeada pelo Rio Taquari. E a enchente de maio de 2024 deixou profundas sequelas neste bairro. Uma história que foi devastada pela força da correnteza.

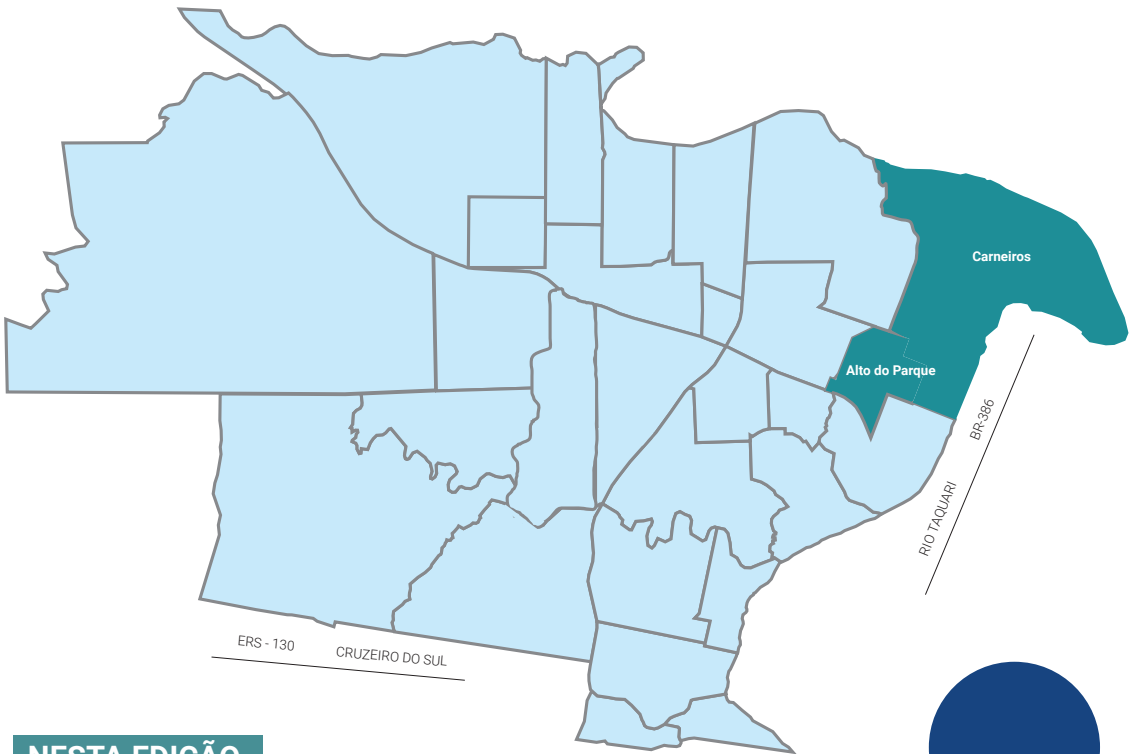
Se a parte mais elevada do bairro – cada vez mais urbanizada – passou ilesa pela catástrofe, as áreas mais ribeirinhas e também a região ainda com características rurais foram destruídas. E o que mais preocupa a comunidade resistente: sem perspectivas de uma intervenção para, ao menos, minimizar os impactos das cheias.

Em meio ao caos e ao abandono, alguns moradores não

“
Em meio ao caos e ao abandono, alguns moradores não pretendem deixar Carneiros. Seja por apego à história ou mesmo por necessidade”

pretendem deixar Carneiros. Seja por apego à história ou mesmo por necessidade. E isso tende a respingar no futuro do bairro. Essas famílias terão condições dignas para uma retomada? Como irão proceder em caso de novas cheias?

É evidente que o município não permitirá novas construções nesta região da cidade. Mas fica de mãos amarradas e nada pode fazer para impedir o retorno dessas pessoas aos lares que não foram destruídos. Algo semelhante ao que ocorre no Centro. Corre-se o risco de criar mais um problema social em Lajeado. Como resolver esse impasse? Uma pergunta ainda sem respostas.



NESTA EDIÇÃO

Ações e planos para o desenvolvimento de dois bairros vizinhos

Alto do Parque e Carneiros estão colados e possuem muitos aspectos semelhantes, mas os desafios se apresentam um tanto diferentes. Enquanto o primeiro bairro avança para uma expansão no setor

comercial e gastronômico, o segundo vive realidades distintas. Parte acompanha a pujança vizinha, enquanto a área mais antiga, mais próxima ao rio, vive dias de incerteza após a enchente de maio.

IMPRESSÕES SOBRE LAJEADO



@365_vezes_no_Vale



Paredão de Carneiros representa um marco importante na história de Lajeado. É o ponto onde foi fundada a Colônia de Conventos, que deu origem ao município. A foto foi tirada antes da enchente e não se sabe como está o local hoje. Ao lado, os **ipês-amarelos** que embelezam as primaveras na avenida Alberto Müller, no bairro Alto do Parque. É um atrativo em uma via muito utilizada também para caminhadas e lazer da comunidade.



Um novo olhar sobre os bairros

EXPEDIENTE GRUPO A HORA

PRODUÇÃO

TEXTOS
Mateus Souza
Raica Franz Weiss

ARTE E DIAGRAMAÇÃO
Lautenir Azevedo Junior

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Fernando Weiss
Felipe Neitzke

IMPRESSÃO

Grafica da Zero Hora

DEBATE EVIDENCIA REALIDADES DISTINTAS ENTRE OS BAIRROS

Alto do Parque vive momento inédito, enquanto moradores da região mais antiga do Carneiros unem forças para recomeçar. Conforme município, maquinário atual não dá conta do excesso de demandas no pós-cheia

De um lado, um bairro pujante, com uma mudança de dinâmica cada vez mais evidente. De outro, uma das localidades mais antigas de Lajeado, mas que vive cenários distintos. Enquanto uma parte acompanha o crescimento urbano de bairros vizinhos, a outra preserva características rurais, mas convive com o abandono após uma enchente histórica.

O debate dessa quarta-feira, 31, na Rádio A Hora 102,9, trouxe à tona realidades distintas de um município que busca se reerguer depois da maior catástrofe climática da região. O Alto do Parque, situado numa das áreas mais altas da cidade, tende a crescer ainda mais. Parte do Carneiros também. Por outro lado, a região costeira do Rio Taquari enfrenta o desafio da reconstrução.

Secretário municipal de Obras, Günther Meyer representou o governo de Lajeado no debate para trazer o contraponto aos anseios dos líderes comunitários presentes: o vice-presidente da Associação de Moradores do Alto do Parque, Celso Spielmann, e o morador do Carneiros, Milton da Silva. O empresário Jairo Vallér também participou do encontro.

Soluções ao trânsito

Um dos principais problemas mencionados por Spielmann no Alto do Parque é o trânsito, que apresenta lentidão em determinados horários do dia. Lembra que um dos trajetos alternativos à Univates passa por dentro do bairro. Também cita as aulas práticas de direção, que são feitas em áreas mais residenciais do bairro, mas que também passam por ruas mais



ELOISA SILVA

Debates temáticos

Desde março do ano passado, o A Hora promoveu 18 debates para discutir os problemas, os desafios e os anseios de todos os bairros de Lajeado. Os encontros reuniram líderes comunitários, empreendedores, representantes do governo municipal, especialistas de diferentes áreas e integrantes do Comitê dos Bairros.

Encontro fechou a série de conversas sobre os 28 bairros de Lajeado



É inevitável para garantir a fluidez da avenida [a construção de um novo viaduto] e isso vai acabar acontecendo”

CELSO SPIELMANN,
VICE-PRESIDENTE DA
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES
DO ALTO DO PARQUE

movimentadas.

Uma das soluções seria a construção de um novo viaduto sobre a BR-386 para acessar o bairro. “É inevitável para garantir a fluidez da avenida e isso vai acabar acontecendo”, acredita Spielmann, que cita também o som alto no Parque do Imigrante como um problema muito mencionado por moradores. “Uma alternativa seria talvez a proibição da entrada com automóveis no local”.

Quanto a iluminação pública, Spielmann frisa que há ruas onde os postes estão com lâmpadas queimadas, criando sensação de insegurança à noite. Conforme



Não há equipamento suficiente para fazer a manutenção de todas as estradas ao mesmo tempo”

GÜNTHER MEYER,
SECRETÁRIO
MUNICIPAL DE OBRAS

Meyer, o problema é frequente em toda a cidade. “Mas o município pretende iniciar a instalação de lâmpadas de led, que devem melhorar a eficiência energética e durabilidade dos equipamentos”.

Dificuldade de acesso

No Carneiros, famílias enfrentam o drama de mais de três meses sem energia elétrica (leia mais nas páginas 6 e 7). Conforme Silva, as pessoas que não tiveram suas casas destruídas pretendem voltar para casa. Mas a falta de luz, bem como as condições

precárias das principais vias de acesso impedem o retorno.

“Essa região da cidade foi muito devastada pela enchente. Era uma Lajeado mais rural, com produtores, e onde se via tratores, animais e galpões. Tem agricultor que quer voltar, vai plantar e cuidar da terra dele, mas está gastando R\$ 80 em combustível para gerador por dia para seguir plantando, porque as estradas estão muito ruins”, frisa.

Meyer disse compreender as reclamações dos moradores, mas cita que o município direciona atenção e esforços para áreas onde há maior concentração de moradores, em estradas onde passam ônibus e caminhões. “Não há equipamento suficiente para fazer a manutenção de todas as estradas ao mesmo tempo”.

Lembra que a Bento Rosa, outra via que dá acesso ao Carneiros, precisará ser refeita nas proximidades da antiga Associação Atlética. “Mas ainda não há prazo”, antecipa.

Proximidade

Vallér é um entre vários empreendedores que escolheram

o Alto do Parque nos últimos anos. A proximidade com a BR-386, a Univates e a presença de parques foram alguns dos motivos que pesaram na escolha. Mais do que isso, no entanto, destaca o movimento crescente no bairro.

“Já se percebe que Lajeado não tem mais muito espaço para crescer. Claro, ainda temos Conventos, São Bento, entre outras áreas também em expansão. Mas acredito muito que o Alto do Parque vai crescer com qualidade. E acreditamos que a concessão dos parques vai trazer mais eventos e maior movimentação para a cidade”, pontua.

Relíquia

Silva elogia o desenvolvimento de Carneiros na parte mais alta, conectado ao Alto do Parque e outros bairros, como Universitário e São Cristóvão, e, em relação a parte histórica, acredita que o futuro passa por planos e ações de prevenção às cheias e dos cuidados com o rio e às margens do Taquari.

“No futuro, vejo que essa região de Carneiros será uma relíquia, que preserva a história de Lajeado, pois ali está uma das origens de tudo no município. Então, é preciso ter atenção com o nosso bairro”.

NOVOS EMPREENDIMENTOS DÃO CARA NOVA AO ALTO DO PARQUE

Hotel, centro comercial, escola e estabelecimentos gastronômicos mudam dinâmica de um bairro antes estritamente residencial. Revisão do Plano Diretor possibilitou expansão comercial

Quem acessa o bairro Alto do Parque pela rua Nossa Senhora do Caravaggio, a partir da divisa com o Hidráulica, percebe, de cara, uma região em transformação. Antes, aquele trecho era formado por algumas poucas residências. Hoje, há distribuidora de gás, loja de vestuário, restaurante e a imponente obra de um hotel. No futuro, até mesmo uma escola. Situação semelhante à avenida Alberto Müller. Os casarões começam a dividir espaço com futuros empreendimentos comerciais e gastronômicos. Fruto das mudanças no Plano Diretor, que permitiram a descentralização de um bairro estritamente residencial.

O novo momento do Alto do Parque atrai olhares de empreendedores de todos os cantos. Uma tendência já observada também em outros bairros de Lajeado, conforme o secretário de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Agricultura, André Bucker. A ideia de bairros cada vez mais autônomos converge com os planos de um desenvolvimento ordenado.

Conforme Bucker, a possibilidade do bairro ser menos dependente do Centro começou a partir da ligação com o Hidráulica. Primeiro, veio o fortalecimento do corredor gastronômico. “E na sequência tem a obra do hotel, que dá muita visibilidade para aquele local como uma área de serviços. E a própria Alberto Müller, com a revisão do plano, tem uma maior possibilidade comercial”, frisa.

Os números falam por si só. Há uma década, o número de CNPJs no bairro não chegava a 150. Este ano, segundo Bucker, já são 349. Mais do que dobrou. Lembra que, até 2020, haviam restrições no tamanho das edificações do Alto do Parque, o que mudou com o aumento nos índices construtivos.

Inspirar empresas

Até o fim do ano, Lajeado deve contar com um novo hotel, que

“ (...) chegou a hora de colocarmos esse projeto em execução”

RODRIGO ULRICH,
DIRETOR DO CEAT

aumentará a oferta de leitos de hospedagem na cidade. As obras do Vallér Parque Hotel estão na reta final e a tendência é de ser finalizado no fim deste ano, conforme um dos diretores do estabelecimento, Jairo Vallér.

“Nós procurávamos um local bacana para investir neste novo hotel. E pensamos muito na questão do turismo também. O fato de estar próximo aos parques nos chamou muito a atenção, assim como a boa localização. Vimos esse terreno há uns dois anos e nem sabia de todo o movimento que se tinha aqui na rua”, lembra.

Vallér acredita que a presença do hotel pode encorajar mais empreendedores a investir no bairro, além dos negócios que já estão previstos. “Nós notamos isso. Desde que passamos a construir o hotel, muita coisa começou a acontecer aqui. Claro, não foi apenas por nossa causa, mas tem uma nova onda de negócios vindo para o bairro”.

O hotel conta com cinco pavimentos e terá, no total, 95 apartamentos. Apesar do objetivo inicial, ele não ficará pronto a tempo da próxima edição da Expovale + Construmóvil. “Mas chega para atender muito bem a todos que vem para a nossa cidade, atraindo desde o turista até o executivo”.

Retomada de projeto antigo

Como resposta às enchentes que atingiram a instituição nos últimos meses, o Colégio



Hotel deve ficar pronto no fim do ano e ampliará capacidade de hospedagem no Vale

Evangélico Alberto Torres (Ceat) projega expansão educacional com a construção de uma nova estrutura no Alto do Parque. A área escolhida, situada em terreno de sete hectares na rua Nossa Senhora do Caravaggio, foi selecionada por estar fora das zonas de risco.

A intenção de investir no Alto do Parque, no entanto, não é recente, conforme o diretor do Ceat, Rodrigo Ulrich. “É algo discutido desde a década de 1960. E, diante do crescimento do colégio, aumento de matrículas, serviços e o propósito de potencializar diferenciais curriculares, somado às enchentes, chegou a hora de colocarmos esse projeto em execução”, afirma.

Conforme Ulrich, as estratégias de investimentos do Ceat nas instalações no Centro foram revistas para possibilitar o avanço deste projeto. “Em meados de setembro vamos divulgar o layout do plano de ocupação da área. Estamos envolvendo a comunidade escolar na construção da proposta, fazendo contatos

OUTROS INVESTIMENTOS

Centro Comercial

– Idealizado pelo empresário Elvídio Eckert, fundador do Grupo Charrua, o complexo comercial “Espaço Josefina Eckert” terá cinco andares e mais de 4,5 mil metros quadrados de área, na antiga garagem da ViaSul. O empreendimento contará com estacionamento para 110 veículos e abrigará espaços para salas comerciais, academia, gastronomia, institutos de beleza e um restaurante no último piso. A obra deve ser finalizada em 2026.

Minato Mirai

– Com lojas no São Cristóvão e no Hidráulica, o Minato Mirai Restaurante vai construir nova sede na Alberto Müller, na esquina com a rua Otelo Rosa. Serão 700 metros quadrados distribuídos em três andares, com rooftop e bar no terceiro piso. Ali, serão concentrados os serviços presencial e o delivery do empreendimento especializado em comida japonesa, que se junta a outros espaços gastronômicos no bairro, como Bonese, DuCais Pizzaria e O Pateo Steakhouse.



com escritórios e empresas para questões técnicas”.

A tendência é de que, ainda neste semestre, sejam definidas as primeiras construções na

área, que devem contemplar a educação infantil, as séries iniciais e o espaço esportivo, setores mais afetados pela enchente histórica de maio.

PLANOS PARA PARQUES INCLUEM CONCESSÃO E REFORMAS

Projetos em andamento buscam qualificar dois dos principais espaços para realização de eventos na cidade. Um dos objetivos também é de fortalecer o potencial turístico das localidades. Ao mesmo tempo, obras para melhorar acessos se fazem necessárias

Enquanto cidades da região alta qualificam o turismo com investimentos imponentes – caso do Cristo Protetor –, Lajeado busca um melhor aproveitamento de espaços de lazer importantes para o desenvolvimento econômico local. Neste contexto, o Alto do Parque se apresenta como um bairro privilegiado, por contar com dois parques.

Com pouco mais de 20 anos de inauguração, o Parque Histórico preserva as características da cultura alemã, mas há um entendimento de que nunca teve seu potencial explorado de forma plena. A poucos metros, o Parque do Imigrante, mais antigo, também é considerado subaproveitado e, nos últimos anos, teve suas condições estruturais criticadas durante eventos como a Expovale.

Em relação ao Parque Histórico, o desejo da administração municipal é de concedê-lo à iniciativa privada. Um processo, inclusive, já está em andamento. A expectativa, conforme o secretário de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Agricultura, André Bucker, é de que a Urbanes, empresa especializada em administração de parques, apresente um plano de negócios ainda este mês.



FELIPE NEITZKE

Local que sediará a Expovale + Construmóbil passará por reformas

“Ela também estava com a concessão do Parque Ney Arruda (às margens do rio Taquari) e, num primeiro momento, priorizaria aquela área. Porém, desde o fim de maio, retomou a discussão sobre o Parque Histórico. Esperamos a apresentação do plano para darmos andamento ao processo”, explica.

Análise

Após esta etapa, a concessão do Parque Histórico deve seguir para análise da procuradoria jurídica e, posteriormente, ao Tribunal de Contas do Estado (TCE) antes da assinatura do contrato de

concessão, que será pelo prazo de 20 anos.

A Urbanes é responsável pela gestão do Parque Aldeia do Imigrante em Nova Petrópolis; do Parque Estadual Campos do Jordão (SP), da Rota da Grutas Peter Lund, em Minas Gerais; e recentemente venceu a concessão das primeiras Florestas Nacionais ICMBio, com início das operações em 2023, em Canela e São Francisco de Paula, na Serra Gaúcha

Junção de pavilhões

Ao lado, o Parque do Imigrante deve passar por uma reformulação. A pouco mais de três meses da Expovale + Construmóbil, o governo municipal tenta acelerar a unificação dos pavilhões 2 e 3, espaço que concentra a maior parte dos expositores do evento regional. Até o começo da próxima semana, a empresa vencedora da licitação deve ser habilitada para a obra.

“Abrimos o prazo para a empresa apresentar as contrarrazões. Depois disso vamos para o julgamento e avançamos. Prioridade máxima nesse projeto”, garante o coordenador do setor de licitações de Lajeado, Natanael Zanatta. O projeto prevê a construção de

um novo telhado e o prazo para conclusão é de 40 dias, a contar do início da obra.

No entanto, a instalação da pele de vidro nas fachadas e a padronização dos pisos enfrentam desafios financeiros e de tempo. A Associação Comercial e Industrial de Lajeado (Acil) deve auxiliar na execução e, após o término da obra, o município fará o repasse

Esperamos a apresentação do plano [de negócios] para darmos andamento ao processo [de concessão do Parque Histórico]”

ANDRÉ BÜCKER, SECRETÁRIO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, TURISMO E AGRICULTURA

do valor. “A questão é que toda licitação de obra nova pode ser aditivada em no máximo 25% e o orçamento para essa pele de vidro não se faz com esse valor. Seria necessário fazer outra licitação, mas não há tempo hábil”, ressalta o presidente da comissão organizadora da Construmóbil, Daniel Bergesch.

O Parque do Imigrante abrigou centenas de pessoas após a enchente histórica de maio. A última família só deixou o local no fim de julho, três meses após a catástrofe,

Novo viaduto?

A movimentação crescente no Alto do Parque e o trânsito caótico em tempos de grandes eventos faz com que o município busque alternativas para qualificar a infraestrutura e a mobilidade. A ligação alternativa com o Hidráulica, sobre a BR-386, é pleiteada pelo governo, que tenta autorização da CCR ViaSul e da Agência Nacional dos Transportes Terrestres (ANTT) para execução. Em março, o assunto foi levado pelo prefeito Marcelo Caumo à ANTT. Havia uma expectativa de aprovação do projeto ainda este ano. Pelos planos do município, a travessia seria construída de forma paralela à estrutura existente hoje, que conecta as ruas 17 de Dezembro e Nossa Senhora do Caravaggio. A nova extensão iniciaria na rua Silvestre Jacob Ely, nos fundos do Garden Haus, e terminaria do outro lado da rodovia, próximo à Fruki.



MATEUS SOUZA

Parque Histórico se destaca com casas no formato enxaimel, mas município busca potencializar espaço

ÁREA RURAL DE CARNEIROS TEM FUTURO INCERTO APÓS ENCHENTE

Moradores de casas que resistiram à cheia não querem abandonar o bairro, mas clamam por melhorias em infraestrutura viária e restabelecimento da energia elétrica. Governo de Lajeado e MP buscam alinhamento sobre reocupação da região

Três meses se passaram desde a catástrofe climática que devastou a região. O processo de reconstrução do Vale do Taquari caminha a passos lentos em algumas áreas. O bairro Carneiros, em Lajeado, é um exemplo de onde a vida ainda não voltou ao normal. Moradores das casas que resistiram à cheia histórica se queixam do abandono.

A região mais antiga do bairro, estritamente rural, não tinha grande densidade populacional antes da enchente. Mas resistia ao avanço da urbanização. Agora, o cenário é de devastação, com estradas danificadas, casas e lavouras destruídas e acúmulo de entulhos. Além disso, a falta de energia elétrica também dificulta a retomada daqueles que pretendem voltar.

Enquanto o município ainda avalia ações para o futuro do Carneiros, a comunidade eleva o tom e pede atenção à localidade. “Aqui eu me criei e fiz minha vida. São 40 anos nessa casa. Um imóvel que antes valia R\$ 260 mil e agora não deve valer nem R\$ 10 mil. Vou fazer o que?”, questiona Milton da Silva, morador que se tornou um líder comunitário.

As moradias que se mantiveram em pé estão situadas às margens da rua Pedro Ruschel Sobrinho, que conecta a zona rural com parte mais alta do bairro e serve de ligação com São Cristóvão e Universitário. De chão batido, a via apresenta pontos esburacados, onde a passagem de veículos é um desafio.

Sem condições

Quando chove, tanto a Pedro Ruschel Sobrinho quanto a rua Lindolfo Labres, outra via importante e que também costeia o Rio Taquari, ficam intransitáveis. Mas a situação já foi muito pior. Para tirar o lodo e a lama da estrada, moradores se ajudaram. Alguns cederam máquinas próprias, na ausência de apoio do município.

“São 90 dias praticamente sem luz, com uma estrada péssima. Todo dia batendo com o carro nessa buraqueira. O Poder Público precisa fazer alguma coisa para nos ajudar, ao menos nessa questão da luz. Batemos todos os dias nessa tecla e sempre tem uma desculpa”, comenta o produtor rural Jaime Alves de Freitas, um dos poucos a permanecer em Carneiros.

“

Estamos fazendo as coisas aos poucos aqui, mas é muito ruim de trabalhar porque não tem luz.

JAIME ALVES DE FREITAS,
PRODUTOR RURAL

A Certel é a responsável pelo fornecimento da energia elétrica no bairro. Porém, ele cita que há um “jogo de empurra” entre a cooperativa e o governo municipal. “Estamos fazendo as coisas aos poucos aqui, mas é muito ruim de trabalhar porque não tem luz. E o gerador tem um custo alto. Todo dia é R\$ 60 de gasolina pelo menos. Temos que ser muito fortes para seguir assim”.

Mesmo com todas as dificuldades, Freitas não se vê morando em outro lugar. “Daqui uns dias, as crianças que nascem na cidade não vão mais saber o que é um pé de milho, por exemplo. Um fim de semana aqui era um paraíso. É um dos poucos locais da cidade onde as pessoas vinham para admirar a natureza”.

“Não sobrou nada”

Há 24 anos, Balduino Reginatto reside no Carneiros. Sua residência, localizada na



Região costeira foi destruída pela enchente. Poucas casas resistiram à fúria do Taquari

fique numa parte mais elevada, ficou ilhado, bem como vizinhos próximos.

Quando as águas baixaram, Silveira, já no primeiro dia, não parou de trabalhar. Na conversa com a reportagem, auxiliava na limpeza da casa do pai, Antônio Francisco, também morador do bairro. “Estamos aqui todos os dias. Com dois tratores, arrumamos toda a estrada, pois a prefeitura nos esqueceu. Tem gente tirando barro de casa até agora”, frisa.

A família mora no bairro desde o fim da década de 1980. Silveira entende que, mesmo com a devastação causada pela cheia, é possível voltar a viver no bairro. “Se tem a oportunidade de voltar, vamos tentar de novo. Mas temos necessidades que precisam ser atendidas. Precisamos de acessos melhores e de energia elétrica. Estamos nos humilhando por algo que é básico”.

Levantamento técnico

Arquiteto e urbanista e professor da Univates, Augusto Alves avalia que existem particularidades na região do Carneiros. Entende, no entanto, que a parte situada na chamada “zona de arrasto” não pode ser habitada novamente, pelo risco de uma nova inundação severa se repetir.

“São questões complicadas. O prejuízo de uma pessoa se instalar ali é individual e coletivo também. Então cabe ao Poder

rua Pedro Ruschel Sobrinho e próxima ao rio Taquari foi devastada pela enchente. Pouca coisa sobrou. Mesmo assim, aos 74 anos, reúne forças para recomeçar. Quando conversou com a reportagem, estava na lida. “Foi tudo embora, não sobrou nada. Mas não tem o que fazer. Não posso simplesmente largar isso aqui de mão. São anos de trabalho”, destaca o morador. Na propriedade, criavam animais diversos. Mesmo assim, acredita em um recomeço. “Nem que seja para fazer um galpãozinho”, brinca.

Assim como outros vizinhos, no entanto, Reginatto lamenta a falta de apoio do Poder Público. “Até agora só tivemos promessas. Nada é feito para nos ajudar. Nunca passamos por isso”.

“Estamos aqui todos os dias”

Isaque da Silveira é um entre muitos moradores do Carneiros que só conseguiram sair de casa na enchente de maio com resgate. Uma situação dramática, que espera não passar de novo. Ele reside próximo à Lagoa dos Ruschel e, embora sua casa



Pouco sobrou da casa de uma das filhas de Freitas

MATEUS SOUZA



FOTOS: FELIPE NEITZKE



Reginatto acredita ser possível retomar a atividade rural

Público averiguar, mapear as áreas afetadas e fazer um levantamento técnico, mostrando quais áreas são realmente sujeitas ao desastre”, realça.

Em situações onde há atividade rural, Alves acredita que pode ser retomada. “É um bem da pessoa e se estiver em condições de plantar de novo, por que não desenvolver a atividade? Então também que se dê a possibilidade dela exercer isso. São casos que podem ser analisados de forma individual”.

Tratativas

Em entrevista ao programa “Frente e Verso”, da Rádio A Hora 102,9, o prefeito Marcelo

Caumo admitiu a dificuldade em encontrar uma solução para moradores do bairro Carneiros. Frisa que é um dos locais que mais gera apreensão no município.

“Precisamos ter regras de habitação mais claras. Agora teremos reunião com a promotoria e a concessionária para alinharmos isso. Havia a recomendação do Ministério Público para evitar a reocupação dos imóveis nessas áreas. É preciso regar o uso”, pontua.

Procurada pela reportagem, a Certel, por meio da assessoria de comunicação, informa que segue em tratativas com prefeitura de Lajeado e Ministério Público para buscar soluções justas a todos os envolvidos.



Silveira e o pai querem seguir no Carneiros

“

Precisamos de acessos melhores e de energia elétrica. Estamos nos humilhando por algo que é básico”

ISAQUE SILVEIRA, MORADOR

“



Havia a recomendação do Ministério Público para evitar a reocupação dos imóveis nessas áreas. É preciso regar o uso”

MARCELO CAUMO, PREFEITO

“



[...] cabe ao Poder Público fazer um levantamento técnico, mostrando quais áreas são realmente sujeitas ao desastre”

AUGUSTO ALVES, ARQUITETO E URBANISTA



Moradores utilizam maquinários próprios para melhorar condições das vias

EM CARNEIROS, O INÍCIO DE LAJEADO

Ainda hoje, é no bairro que está o monumento que marca a fundação da cidade, em 1855. Naquele ano, a primeira construção que se tem registro foi erguida em Carneiros, época em que o bairro e o município eram nomeados de Fazenda de Conventos

No início do século XIX, boa parte do território do Vale do Taquari pertencia aos irmãos João e José Inácio Teixeira, que dividiram as terras em grandes fazendas, entre elas, a Fazenda de Conventos, hoje, Lajeado.

Mais tarde, Antônio Fialho de Vargas comprou parte dessas terras e ergueu um casarão nas proximidades do Rio Taquari, no atual bairro Carneiros. A data era 20 de março de 1855 e é considerada o marco de fundação

da cidade, embora a emancipação política só tenha acontecido quase 40 anos depois, em 1891.

Naquela época, Fialho de Vargas pretendia transformar a fazenda em colônia, então iniciou a medição das terras e a divisão dos lotes, depois vendidos aos primeiros colonos alemães. Conforme pesquisas do historiador José Alfredo Schierholt, a primeira escritura de compra por um alemão data de 1856, quando João Luís Krämer adquiriu dois lotes da colônia.

Fialho de Vargas tinha seu casarão instalado no bairro Carneiros e, nas proximidades, perto do chamado “Paredão de Carneiros”, existia um pequeno porto. Ali estava estabelecida a primeira sede de Lajeado, mas a localização do porto era ruim e as constantes cheias eram um problema.

Um novo porto foi instalado às margens da atual rua Oswaldo Aranha. Nos arredores, aos poucos, começou a surgir o primeiro núcleo urbano de Lajeado, fazendo com que Fialho de Vargas abandonasse o casarão em Carneiros e construísse um novo sobrado ao lado do que hoje



Monumento do marco de fundação de Lajeado, que fica na rua Lindolfo Labres

é a Praça da Matriz, por volta de 1870.

De sede a colônia

As terras de Carneiros então foram vendidas em lotes aos

imigrantes. Entre eles, estava o avô de José Gabriel Labres, 72. “Eu nasci e me criei aqui. As terras eram do meu avô, Lindolfo Labres. Metade da várzea era dele e a outra era dos Ruschel”, conta Zé, como é conhecido.

O avô dele, hoje, dá nome a uma das principais ruas do bairro, a via Lindolfo Labres, onde inclusive está localizado o monumento de fundação da cidade. Carneiros foi moradia de Labres até maio de 2024, quando a enchente levou embora a casa e uma história de gerações.

Descendentes da família se criaram no Carneiros. Zé é um dos irmãos mais novos, e não conheceu o avô, mas ainda lembra do tempo em que a localidade não passava de uma picada, muito longe de qualquer infraestrutura urbana.

“Estudei numa pequena escola de madeira, perto do monumento de fundação de Lajeado. Aquela rua seguia por um trilho até a Bento Rosa, por onde a gente ia até o Centro”, lembra.

Época em que ninguém da vizinhança tinha carro e nem mesmo ônibus passava pela localidade. “Tínhamos a pequena igreja de madeira de Navegantes, mas eu tive que ir caminhando até a Matriz para fazer comunhão”, recorda.

A igreja de madeira depois deu

Essa era a estrada para a Picada Carneiros, que está ao fundo. A foto mostra o encontro das ruas Bento Rosa, Capitão Leopoldo Heineck e a Avenida Décio Martins Costa

lugar a uma de tijolos, por volta de 1958. “Meu pai e meus tios carregaram pedras na carroça para construir essa igreja”, conta.

Com a enchente de maio de 2024, ficou completamente destruída. Uma santinha foi colocada em meio aos destroços para lembrar o antigo local. Mais uma memória que a comunidade tenta preservar sobre uma realidade que hoje já não existe mais no Carneiros.

Somente na memória

Não muito longe de onde era a casa de Zé, o agricultor e metalúrgico Romeu João Gerhardt, 73, também recorda dos tempos antigos. Assim como o vizinho, só deixou Carneiros em 2024, quando a casa dele e dos irmãos foram destruídas pelo rio.

“Eu nasci e me criei aqui. Meu pai plantava essas terras, tínhamos galpões, lavoura, a terra era fértil. Hoje não existe mais nada”, lamenta. Agora, na falta de uma casa, Romeu tem morado junto à metalúrgica que administra há 53 anos, no bairro Florestal.

O idoso cobra ajuda do Poder Público. “Nós não temos como pagar a contratação de máquinas para tirar os entulhos,





nós investimos muito para nos reerguer depois da cheia de setembro e foi tudo embora outra vez. Mas não podemos abandonar isso tudo. É nossa história, é nossa vida.”

Força para continuar

A história de Milton da Silva, 64, chamado também de Seu Presença, ficou conhecida em todo o Brasil. A casa que ele morava há mais de 30 anos, na beira do Rio Taquari, ficou comprometida com as enchentes de setembro, novembro e maio e obrigaram o morador a trocar de endereço.

“Meu pai comprou essas terras dos Labres, há quase 40 anos. Na época, falaram que a famosa enchente de 1941 nem tinha banhado o lugar da casa”, lembra Milton.

Ele se mudou para o Carneiros em 1993 e construiu atrás da casa do pai, tempo em que as ruas pareciam mais trilhos do que estradas. “Nem tinha água encanada aqui, veio só alguns anos depois que me mudei, a gente se virava com a água do rio, da lagoa dos Ruschel, dos poços vizinhos.”

Na enchente de setembro, Milton perdeu a esposa, da sacada de casa, mostra o lugar exato onde viu

ela cair e se afogar. Apesar disso, Seu Presença segue como um exemplo de resiliência e trabalha na reconstrução da casa. Pretende reorganizar o espaço para retornar aos fins de semana. “Dá saudade. Criei os filhos aqui, fui feliz aqui, sempre vou querer voltar.”

Uma casa centenária

Apesar de toda a destruição causada pela enchente, entre as residências que se mantiveram de pé está uma casa centenária em estilo enxaimel na rua Bento Rosa. Construída na década de 1890, faz 90 anos que está na família de Ricardo Ewald, 63.

“Meus avós, da família Heberle, se mudaram para cá quando minha mãe tinha seis anos, na década de 1930. Aqui era interior, as terras iam até a Avenida Alberto Müller, que nem estava aberta”, conta Ewald.

Em 1966, a Fenal deu origem ao Parque do Imigrante e à Expovale e iniciou a urbanização do Alto do Parque



As terras eram do meu avô, Lindolfo Labres. Metade da várzea era dele e a outra era dos Ruschel”

JOSÉ GABRIEL LABRES,
MORADOR DE CARNEIROS



Meu pai plantava essas terras, tínhamos galpões, lavoura, a terra era fértil. Hoje não existe mais nada”

ROMEU JOÃO GERHARDT,
MORADOR DE CARNEIROS



Meu pai comprou essas terras há quase 40 anos. Na época, falaram que a enchente de 1941 nem tinha banhado o lugar da casa”

MILTON DA SILVA,
MORADOR DE CARNEIROS

Entre as memórias da família, estava a histórica enchente de 1941, que ficou a meio metro de entrar na casa enxaimel. Em maio, a casa ficou completamente submersa, mas resistiu e continua de pé.

“A casa costumava ser muito maior. Nos sábados, era inclusive usada como salão de baile pela minha avó, que fazia cerveja, pasteis, para garantir uma renda extra à família. Depois, o tufão de 1967 destruiu metade da construção”, explica.

Na infância da mãe, Ewald conta que a proximidade com o rio era muito aproveitada para banhos, para a lavagem de roupas e, ainda, para garantir o alimento. “Minha avó contava que iam para os bailes em Estrela, do outro lado do rio, atravessavam o Taquari de barco.”

Nascido no Hidráulica, Ewald lembra do caminho até a casa da avó, passando pela ponte seca da então recém inaugurada BR-386. O caminho até Carneiros era cheio de córregos. O Alto do Parque, na época, era ainda chamado de Pirai, antigo nome

do bairro São Cristóvão, e era formado por propriedades rurais e plantações, em maioria, pertencentes às famílias Klein e Müller.

O surgimento do parque

As características rurais do Alto do Parque começaram a mudar na década de 1960. Isso porque em 1966 foi realizada a primeira Feira Nacional de Laticínios em Lajeado (Fenal), a origem do atual Parque do Imigrante e da Expovale.

Hoje principal avenida do bairro, a Av. Alberto Müller foi aberta nessa época, quando atravessava as terras do empresário de mesmo nome. Em 1965, Müller doou essa área para o acesso ao futuro Parque da Fenal, que ainda seria construído.

O empresário foi o fundador da histórica Casa Müller, construção centenária que ainda

existe em frente à Praça da Matriz, em Lajeado. Em 1978, a avenida recebeu o nome em sua homenagem.

A Fenal foi organizada em celebração ao aniversário de 75 anos de emancipação de Lajeado, em 1966, e foi coordenada por Nilo Rotta, então presidente da feira. Foi naquela época que toda a área do Parque do Imigrante foi comprada e um único pavilhão foi erguido pelo município.

Apenas um ano depois, em 1967, o memorável tufão destruiu a estrutura e comprometeu as edições seguintes da feira. Somente em 1974, na comemoração dos 150 anos da imigração alemã ao Brasil, que outra feira foi realizada no local, sob o nome de Feira Agro-Industrial de Lajeado. No ano seguinte, em 1975, nas comemorações dos 100 anos de imigração italiana, o espaço recebeu o nome de Parque do Imigrante, que perdura até os dias de hoje.



REPRODUÇÃO

SEGURANÇA EM DESTAQUE CONTRASTA COM QUEIXAS SOBRE LIMPEZA PÚBLICA



Bairros Alto do Parque e Carneiros apresentam menções positivas sobre a tranquilidade, mas pesquisa aponta gargalos na mobilidade e na infraestrutura urbana

Situados em uma região de grande expansão populacional nos últimos anos, sobretudo pela proximidade com a Univates, os bairros Alto do Parque e Carneiros apresentam características positivas semelhantes. Mas os problemas das duas localidades também convergem, sobretudo quando o assunto é limpeza urbana. A dificuldade para organizar a limpeza de terrenos é um dos grandes pontos mencionados por moradores como uma situação a ser resolvida. E basta circular pelos dois bairros que se nota uma grande variedade de áreas sem ocupação, mas com acúmulo de lixo e alta vegetação. Situação corroborada por pesquisa feita pela Macrovisão, a pedido do A Hora.

Braço do projeto “Lajeado – Um novo olhar sobre os bairros”, o levantamento foi feito entre os dias 4 e 23 de março de 2023 e teve um grau de confiança estatístico de 95%. O estudo foi desenvolvido através de um questionário estruturado, com algumas questões abertas, definido de comum acordo entre as partes interessadas.

Como foi feito antes das tragé-

dias climáticas que castigaram Lajeado, o estudo não apontou problemas que estão na boca de moradores do Carneiros, que teve sua parte mais histórica, próxima ao rio Taquari, devastada pela inundação. Outras avaliações, porém, permanecem atuais, como o baixo desempenho do transporte coletivo na pesquisa, além de menções espontâneas negativas ao serviço.

Região segura

Entre os serviços avaliados, a maior nota foi atribuída à segurança. O fato do Alto do Parque ser um dos bairros de maior poder aquisitivo da cidade contribui para o desempenho, mas a tranquilidade também é observada por moradores do Carneiros. Além disso, a coleta de lixo aparece com uma boa avaliação.

Por outro lado, a ausência de ciclovias se nota também nestes bairros, recebendo a menor nota. Também são destaque negativo as ruas, que apresentam calçamentos em más condições em alguns trechos. A Bento Rosa, que conecta Carneiros com a BR-386, já apresentava problemas com buracos antes da enchente.

“Para melhorar o futuro do bairro, os entrevistados expressaram anseios, de forma voluntária, relacionando aspectos que deveriam ser objeto de soluções”, ressalta o diretor da Macrovisão e responsável pelo estudo, Lucildo Ahlert. Apesar de todos os anseios, ressalta que a perspectiva de crescimento e desenvolvimento do bairro “é muito promissora”.

Impressões dos moradores

- Para 53,8% dos moradores destes bairros, a qualidade de vida é considerada “muito boa”, enquanto 46,2% avaliam como “boa”.

- No significado do setor para os moradores, a maior parte destaca aspectos como a tranquilidade, a segurança, a beleza e o fato de ser um lugar “bom para morar”.

- Quase 70% dos entrevistados consideram como “boa” a possibilidade de encontrar moradias no setor, enquanto para 30,8% é “ruim e regular”.

- Já a avaliação das oportunidades de emprego é tida como “regulares” por quase 70% das pessoas ouvidas na pesquisa, enquanto quase 20% consideram “ruins” e apenas 11,5% citam como “boas”.

- Pouco mais de 80% dos entrevistados acreditam que não há necessidade de novos loteamentos nos bairros. Esse percentual é de apenas 11,5% dos que acreditam que é importante. Duas pessoas não souberam opinar.

Nova pesquisa



Um novo olhar sobre os bairros

Levantamento da Macrovisão, contratado pelo Grupo A Hora, traz uma radiografia dos bairros de Lajeado. Uma nova pesquisa foi elaborada e será detalhada nos próximos dias.

Avaliação da qualidade dos serviços*

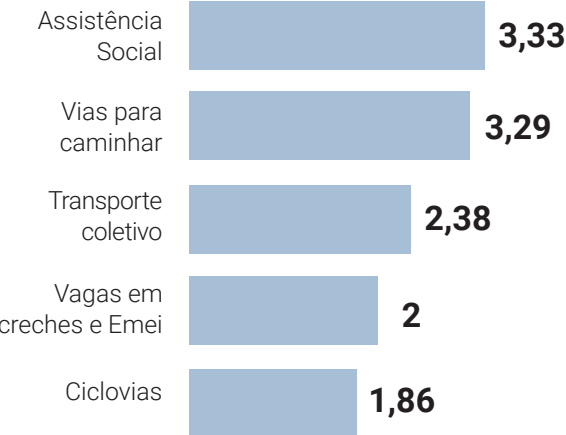
(*) Escala de 1 (péssimo) a 5 (muito bom)



MAIORES NOTAS



MENORES NOTAS



Percepção da comunidade sobre os bairros



PONTOS POSITIVOS

- Lugar tranquilo
- Segurança
- Presença dos parques do Imigrante e Histórico
- Proximidade da Univates
- Bairros bonitos



PRINCIPAIS PROBLEMAS

- Terrenos sem limpeza
- Transporte coletivo deficiente
- Limpeza urbana
- Ruas em más condições
- Falta de farmácia



ASSUNTOS A SEREM RESOLVIDOS

- Organizar o transporte público
- Organizar a limpeza de terrenos
- Mercado e comércio em geral no bairro
- Melhoramento e conservação de ruas
- Preservar áreas verdes





MATEUS SOUZA

mateus@grupoahora.net.br

Contrastes de um bairro



FELIPE NEITZKE

Carneiros, em extensão, é um dos maiores bairros de Lajeado. Desde a década passada, experimenta urbanização crescente, sobretudo na área mais alta e nas proximidades da divisa com o Universitário. Já a parte histórica, mais próxima do Rio Taquari, ainda preserva características

rurais. Ou preservava. A enchente de maio foi cruel com uma das regiões mais antigas do município e devastou casas e propriedades. O cenário de destruição indica muito trabalho a ser feito e contrasta com a pujança de parte do bairro. Ainda há espaço para crescer, sem dúvidas. Mas o futuro parece incerto.

PROGRAME-SE

18 DE AGOSTO

Gramado Cultural

Local: Centro Cultural

Univates

28 DE AGOSTO A 1º DE SETEMBRO

18ª Feira do Livro

Local: Avenida Piraí, no

São Cristóvão

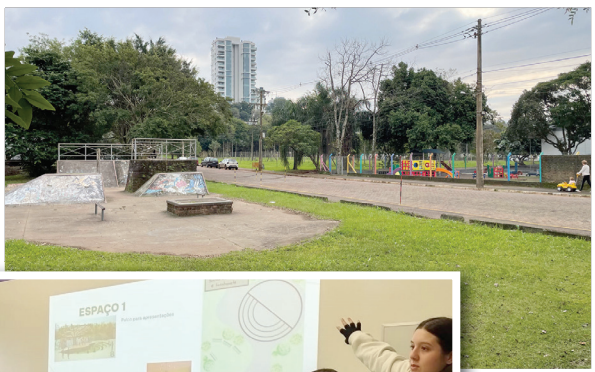
Mudança de perfil

O Alto do Parque passa por um processo de transformação. Conhecido mais por ser um “bairro nobre” de Lajeado e sediar dois parques, começa também a se abrir para investimentos. Instalação de empresas, empreendimentos residenciais e comerciais e estabelecimentos gastronômicos dão uma cara nova para a região. Sinais da descentralização. Claro, muitos moradores não querem que o bairro perca o seu charme. E isso não deve acontecer. Mas tende a ficar cada vez mais funcional e autônomo.

Olhar necessário à Praça do Half

Participei, em julho, de uma banca para avaliar trabalhos de alunos do 3º ano do ensino médio do Colégio Gustavo Adolfo referentes à proposta de intervenção em uma praça da cidade. O complexo de lazer, conhecido como Praça do Half, fica próximo à divisa do Alto do Parque com o São Cristóvão e tem três áreas diferentes. Duas coisas me chamaram atenção. Primeiro, a qualidade dos trabalhos e o conhecimento dos estudantes sobre temas relacionados. Segundo, o potencial do local objeto de estudo. Tem localização privilegiada e um amplo espaço subaproveitado. Pode ser pensado, sim, um projeto para requalificar a praça. Todos saem ganhando.

FOTOS: MATEUS SOUZA



DAS RUAS

– Enfim, a movimentação de máquinas e trabalhadores na BR-386 ganha corpo. Isso é notório. Mesmo em fins de semana, a empresa terceirizada que assumiu a obra em abril mobiliza equipes para avançar na duplicação. Não tem como ser diferente. Afinal, a conclusão deveria ter ocorrido em julho de 2023. Está um ano atrasada. E só deve ficar pronta no primeiro semestre de 2025. Eu espero.

– Ainda sobre a BR-386, acompanhei *in loco* parte dos trabalhos de demolição da (agora antiga) sede da Polícia Rodoviária Federal. É um marco para a cidade, pois aquele prédio existia há cerca de três décadas. Agora, será possível avançar na construção do novo túnel de acesso ao bairro Conventos. Por enquanto, a PRF ficará provisoriamente em um imóvel alugado do outro lado da rodovia. Depois, ganhará uma sede nova em Forquetinha.

– Representantes da Associação de Moradores do Centenário estiveram reunidos com engenheiros da CCR ViaSul semana passada para discutir soluções acessos ao bairro. E o encontro foi considerado

positivo pela presidente da entidade, Raquel da Rosa. Os ânimos acirrados, ao menos por enquanto, ficaram para trás, pois houve um entendimento de que as obras tendem a melhorar a vida da comunidade.

– Até novembro, o governo de Lajeado pretende finalizar a segunda etapa do alargamento da rua Pedro Theobaldo Breidenbach, no bairro Conventos. São 900 metros de nova pista, desde a esquina com a José Franz até o entroncamento com o Urban Center. Uma demanda antiga da comunidade que começa a tomar forma. Mas os investimentos em mobilidade urbana não podem parar por aí.

– Esta é a última edição temática do projeto “Lajeado – Um novo olhar sobre os Bairros”. Foi prazeroso conversar, ouvir, analisar e escrever sobre as virtudes, os problemas e as propostas para o desenvolvimento dos 28 bairros de Lajeado. Seguiremos nas redes sociais e também com os debates na Rádio A Hora até o fim do ano. E, em breve, uma publicação especial vai trazer dados inéditos sobre a cidade. Guardem!

ANTES E DEPOIS



2011



2024

Símbolo do bairro Alto do Parque por conta dos ipês, a avenida Alberto Müller, até meados da década passada, ainda era uma via com paralelepípedos na pista. A primeira imagem é de 2011. Alguns anos depois, foi asfaltada e se consolidou como um acesso alternativo à Univates. A foto ao lado, de 2024, evidencia a transformação.



Condomínio Residencial
Blumenpark Premium

Um clube inteiro pra você.

40% da área destinada à preservação florestal •

Áreas de convívio social •

Playground infantil •

Quadras de tênis & poliesportivas •

Veja mais sobre este empreendimento
no site da Imojel ou através do plantão
de vendas.



Conheça todos nossos imóveis em
www.imojel.com.br

Fone:
(51) 3714.2555

PLANTÃO
(51) 99622.8113 

 **Imojel**[®]